

# **“Uma retangular porta marrom”: evidências para a influência translinguística de inglês (LE) sobre o português (LM) na ordenação de adjetivos descritivos**

**Bianca Schmitz Bergmann<sup>1</sup>**

**Isabella Mozzillo<sup>2</sup>**

**Paula Fernanda Eick Cardoso<sup>3</sup>**

## **RESUMO:**

Os adjetivos podem ocupar diferentes posições no Sintagma Nominal em português, porém os adjetivos descritivos, a princípio, só são aceitos em posição pós-nominal. Considerando que esse tipo de adjetivo aparenta possuir posição canônica pós-nominal em português e pré-nominal em inglês, o objetivo deste artigo foi analisar a influência do inglês (LE - língua estrangeira) sobre a ordenação de adjetivos em português (LM - língua materna). Para tanto, foram levados em consideração autores que tratam dos adjetivos, incluindo Boff (1991), Menuzzi (1992), Cinque (1994), Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), Brito e Lopes (2016) e Cardoso (2023); também foram revisados autores que tratam do bilinguismo e da influência translinguística, incluindo Mozzillo (2001), Cook (2003), Grosjean (2008), Altmisdort (2016), Megale (2012), Talebi (2013), Zaretsky (2014) e Luque Agulló (2020). Este trabalho enquadra-se na metodologia qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008) e os participantes foram divididos em dois grupos (monolíngues e bilíngues) a partir de suas respostas. Eles responderam a um questionário acerca de suas línguas e a uma atividade de construção de SN com diferentes adjetivos. Os resultados demonstram diferenças sutis entre as respostas de monolíngues e bilíngues, em alguns casos possibilitando a percepção de uma possível influência de inglês sobre português a partir da preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal em construções que seriam agramaticais em português, como na anteposição de adjetivos descritivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adjetivos descritivos. Influência translinguística. Sintagma Nominal. Bilinguismo. Sintaxe. Línguas em contato.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: biancas.bergmann@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: isabellamozzillo@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: paulaeick@terra.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

O Sintagma Nominal (SN) é uma estrutura “posicionalmente muito mais rígida do que a oração; as possibilidades de mudança de ordem dos termos são poucas e bem delimitadas” (Perini, 2000, p. 94). Apesar disso, em português, os adjetivos (A) podem ocupar diferentes posições em relação ao nome (N) e em relação a eles mesmos (quando há mais de um adjetivo). Confira alguns exemplos:

- (1) O **suposto** ladrão
- (2) O vestido **vermelho**
- (3) Uma **interessante** palestra
- (4) Uma palestra **interessante**

Em (1) e (2), temos adjetivos que só podem ocupar uma posição em relação ao nome: em (1), “suposto” só pode ocupar a posição pré-nominal, já que seria agramatical a construção “\*O ladrão suposto<sup>4</sup>”; em (2), “vermelho” só pode ocupar a posição pós-nominal, uma vez que seria agramatical a construção “\*Um vermelho vestido<sup>5</sup>”. Por outro lado, em (3) e (4), observa-se que o adjetivo “interessante” pode ocupar ambas posições, sendo gramaticais as construções com o adjetivo anteposto e posposto ao nome.

Neste artigo, nosso foco será nos adjetivos como “vermelho”, do exemplo (2). Esses adjetivos recebem diferentes classificações por diversos autores, sendo chamados de descritivos, absolutos e não avaliativos, mas, de maneira geral, são aqueles que expressam propriedades inerentes ao nome, como cor, forma, nacionalidade, entre outros. Em português,

---

<sup>4</sup> Em todas as ocorrências, o asterisco (\*) indicará que a construção é considerada agramatical na língua em questão.

<sup>5</sup> Caso o adjetivo apareça com flexão de grau, parecem ser aceitas, por algum motivo que precisa ser investigado, estruturas como “um vermelhíssimo vestido”. Boff (1991), por exemplo, defende que há processos que podem adicionar o traço [+avaliativo] a um adjetivo, como é o caso da sufixação de -íssimo, fazendo com que o adjetivo se torne avaliativo e possa passar a ocupar a posição pré-nominal. Menuzzi (1992), Cinque (1994) e Prim (2017) também buscam investigar essa questão, mas, devido ao limite de espaço, não desenvolveremos esse ponto neste artigo.

esses adjetivos aparentemente só podem ocupar a posição pós-nominal, que é considerada a posição canônica do adjetivo nessa língua, como pode ser observado a seguir:

- (5) Uma casa **amarela**
- (6) \*Uma **amarela** casa
- (7) Uma janela **quadrada**
- (8) \*Uma **quadrada** janela
- (9) A culinária **italiana**
- (10) \*A **italiana** culinária

Por outro lado, em inglês, a posição canônica do adjetivo é a pré-nominal, e adjetivos que expressam propriedades inerentes ao nome tendem a ocupar somente essa posição, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

- (11) A **yellow** house
- (12) \*A house **yellow**
- (13) A **square** window
- (14) \*A window **square**
- (15) **Italian** cuisine
- (16) \*Cuisine **Italian**

Considerando esse contraste, a hipótese defendida por este trabalho é de que indivíduos bilíngues (português-inglês) podem apresentar influência translinguística do inglês (língua estrangeira – LE) sobre o português (língua materna – LM) na construção de SN com adjetivos. A hipótese é relacionada aos adjetivos de forma geral, porém, neste recorte da dissertação de Mestrado (Bergmann, 2023), enfatizamos a análise relacionada aos adjetivos descritivos/absolutos/não avaliativos. Os resultados relacionados a esse tipo de adjetivo chamaram a atenção devido ao fato de que a anteposição dele configura agramaticalidade, porém, ainda assim, alguns bilíngues escolheram dispô-lo na posição pré-nominal, o que pode representar uma possibilidade da influência translinguística.

A hipótese da influência translinguística sobre a ordenação de adjetivos refere-se ao conhecimento de LE de forma geral, porém, decidiu-se por focar somente na influência do

inglês sobre o português devido à evidente diferença entre as posições canônicas do adjetivo nas duas línguas, conforme apresentado. Além disso, diversos autores revisados abordam a ordenação de adjetivos relacionando línguas românicas (como o português) e germânicas (como o inglês), sendo também um fator determinante para essa escolha. Ainda é importante justificar que, embora se reconheça que possa haver influência translinguística nos dois sentidos (LM > LE e LE > LM), a escolha da análise da influência reversa deve-se ao interesse pelo estudo do fenômeno em língua portuguesa, já que as pesquisas que vêm sendo realizadas pela autora tratam da análise dessa língua em questão.

Outro ponto a ser destacado é que, apesar de considerarmos que essa influência possa operar sobre todas as habilidades (leitura, escrita, compreensão e fala), neste trabalho foi analisada apenas a produção escrita, considerando o curto período de tempo do Mestrado e a maior facilidade de aplicação dos instrumentos de coleta.

Também reconhecemos que outros fatores possam influenciar a construção de tais sintagmas, como questões pragmáticas, grau de conhecimento linguístico ou literário, nível de escolaridade e até mesmo influência de outras LE. No entanto, não era possível abordar todos os fatores neste trabalho, por isso, nos dedicamos à análise da influência apenas da LE - inglês.

Assim, o objetivo do trabalho consistiu em analisar a influência do inglês como língua estrangeira (LE) sobre a ordenação de adjetivos em sintagma nominal (SN) em português como língua materna (LM). Neste recorte, as construções analisadas foram apenas as que envolviam adjetivos descritivos/absolutos/não avaliativos. Para tanto, buscou-se observar as diferenças nas construções de monolíngues e bilíngues, bem como suas preferências por determinadas posições do adjetivo. Foram aplicados questionários e atividades de composição de SN com diferentes adjetivos, os quais foram posteriormente analisados qualitativamente.

Na próxima seção, é apresentado o referencial teórico que sustenta esta pesquisa, sendo subdividido entre uma subseção sobre os adjetivos e sua ordenação em português e em inglês e outra subseção sobre o bilinguismo e a influência translinguística. A terceira seção aborda a metodologia, envolvendo os participantes e os instrumentos de coleta de dados. Na quarta seção, são apresentados as análises e os resultados. Por fim, são expostas as considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando que esta pesquisa envolve duas áreas linguísticas, Sintaxe e Línguas em Contato, o presente referencial teórico aborda as duas. Na primeira subseção, são apresentadas teorias acerca da classificação e da ordenação dos adjetivos. Na segunda subseção, são apresentados conceitos e trabalhos relacionados ao bilinguismo e à influência translinguística.

### 2.1 CLASSIFICAÇÃO E ORDENAÇÃO DOS ADJETIVOS EM PORTUGUÊS E INGLÊS

Diversos autores dedicaram-se ao estudo do adjetivo, buscando classificá-lo e compreender a posição que esse elemento ocupa dentro do SN. Devido à restrição de espaço, neste artigo, serão apresentados apenas alguns, concentrando-nos na classificação definida por alguns autores para os adjetivos que expressam propriedades concretas do N, uma vez que são esses os analisados neste recorte, bem como na relação entre a ordenação dos adjetivos entre português e inglês.

Diferentes autores buscam classificar os adjetivos em grupos, e Boff (1991) é uma delas. A autora distingue os adjetivos entre avaliativos — usados para emitir opinião ou julgamento, subcategorizados por verbos como achar, considerar, julgar etc. — e não avaliativos — que expressam propriedades inerentes ao objeto. Tendo em vista essa classificação, de acordo com Boff (1991), apenas adjetivos avaliativos poderiam ocupar a posição pré-nominal, como pode ser observado nos exemplos:

(17) Uma **linda** menina

(18) \*Uma **quadrada** peça

De acordo com a autora, tal restrição seria explicada pelo fato de os adjetivos avaliativos serem gerados à direita de N em português e à esquerda em inglês: “Seguindo a tendência de se moverem para a posição mais externa na projeção em que estão, os adjetivos avaliativos se movimentariam opcionalmente em português e obrigatoriamente em inglês” (Bergmann, 2023, p. 46).

Apesar dessa definição sobre a posição do adjetivo em português, Boff (1991) reforça que é preciso considerar os epítetos, apresentados por Cunha e Cintra (1985), que seriam uma

exceção à tal regra. Os epítetos são adjetivos que podem ocupar a posição pré-nominal apesar de não serem avaliativos. Nesse caso, a anteposição do adjetivo consiste em um recurso literário com o objetivo de alcançar realce estético, como nos exemplos a seguir (Boff, 1991, p. 66):

(19) A **branca** neve

(20) Os **verdes** mares

Menuzzi (1992) explica a posição do adjetivo a partir da forma pela qual adjetivos e nomes preenchem suas redes temáticas. A partir disso, o autor classifica os adjetivos em português em quatro classes: categoremáticos, relacionais, referenciais e intencionais. Neste artigo, serão apresentados apenas os referenciais, já que são um dos tipos que expressam uma propriedade concreta do nome, a nacionalidade. Conforme destaca Menuzzi (1992), esses adjetivos também podem ser chamados de gentílicos e só podem ocupar a posição pós-nominal no SN, como pode ser observado:

(21) Cânone **brasileiro**

(22) \***Brasileiro** cânone

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) também apresentam a distinção entre adjetivos absolutos e não absolutos. Os adjetivos absolutos são os que denotam propriedades concretas do substantivo, como os que indicam cor, nacionalidade, forma etc. (exemplos de 23 a 26). Eles não são graduáveis (27, 28) nem podem aparecer em posição pré-nominal em português (29):

(23) A porta **azul**

(24) O chocolate **suíço**

(26) O quadro **retangular**

(27) \*A porta menos **azul**

(28) \*O chocolate mais **suíço**

(29) \*O **retangular** quadro

Os adjetivos não absolutos, também chamados de subjetivos, denotam propriedades não naturais e apresentam uma relação menos íntima com o nome, além de geralmente expressarem uma avaliação do falante (Alexiadou, Haegeman; Stavrou, 2007). Eles podem aparecer tanto em posição pré-nominal quanto em pós-nominal, como pode ser observado a seguir:

(30) Uma **brilhante** atriz

(31) Um romance **interessante**

Brito e Lopes (2016) propõem uma classificação semelhante. Para elas, os adjetivos podem ser qualificativos (expressam propriedades objetivas, como dimensão, forma, cor e estado físico/mental) ou avaliativos (expressam propriedades subjetivas). De acordo com as autoras, os adjetivos avaliativos poderiam ocupar as posições pré e pós-nominal, enquanto os adjetivos qualificativos geralmente aparecem em posição pós-nominal.

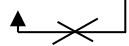
No que tange à relação entre a ordenação dos adjetivos entre português e inglês, Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) defendem que aparecem na posição pós-nominal a maioria dos adjetivos em línguas românicas que correspondem aos adjetivos em posição pré-nominal nas línguas germânicas, como é o caso dos adjetivos descritivos, conforme exemplificado:

(32) O vestido **azul**

(33) *The **blue** dress*

De acordo com Cinque (1994), a posição canônica do adjetivo em línguas germânicas, como o alemão e o inglês, é a pré-nominal. Por outro lado, as línguas românicas, como o italiano e o português, geralmente apresentam seus adjetivos na posição pós-nominal. Segundo o autor, a posição de base dos APs (*Adjective Phrase* ou Sintagma Adjetival) é a mesma tanto em línguas germânicas quanto em línguas românicas: à esquerda do nome. A diferença seria que, em línguas românicas, o N pode alçar para um núcleo funcional intermediário entre nome (N) e determinante (D) (34a), o que não ocorre em línguas germânicas (34b), conforme pode ser observado no esquema a seguir (Cinque, 1994, p. 85):

(34)(a) [D... [AP Y [AP N]]]  


(b) [D... [AP Y [AP N]]]  


Ainda acerca da relação entre a posição do adjetivo em português e inglês, Cinque (1994) também defende que existe uma ordenação não marcada de diferentes classes de adjetivos para Ns que denotam eventos (35) e objetos (36) (Cinque, 1994, p. 96):

(35) Poss > Cardinal > Ordinal > Orientado para o falante > Orientado para o sujeito > Maneira > Temático

(36) Poss > Cardinal > Ordinal > Qualidade > Tamanho > Forma > Cor > Nacionalidade<sup>6</sup>

Cinque (1994) também defende que uma escala de distância de N rege a ordenação de adjetivos translinguisticamente. Além disso, defende que línguas com o adjetivo posposto ao nome (como português) são o espelho de línguas que têm o adjetivo anteposto (como inglês), como pode ser visto nos exemplos (37) e (38). Cinque (1994) também defende que línguas com ordem A+N+A e línguas com ordem A+N têm a mesma ordem na base, mas, nas primeiras, o N alça sobre alguns APs mais baixos, como ocorre em português (39).

(37) Ordem AN: interesting      big      yellow book

Avaliação    Tamanho      Cor      Nome

(38) Ordem NA: livro    amarelo grande    interessante

Nome    Cor    Tamanho Avaliação

(39) Ordem ANA: um interessante grande    livro    amarelo

<sup>6</sup> No original:

“(112) *poss > cardinal > ordinal > speaker-or. > subj-or. > manner > thematic*

(113) *poss. > cardinal > ordinal > quality > size > shape > color > nationality*” (Cinque, 1994, p. 96).



### Avaliação Tamanho Nome Cor

Cardoso (2023) sustenta que a proposta de Cinque (1994) sobre a ordenação dos adjetivos de cor, nacionalidade, tamanho etc. apresenta falhas, uma vez que ele parece estipular a ordenação dessas categorias. Segundo a autora, apesar de haver preferência na ordem dos adjetivos, existe liberdade de posicionamento dos modificadores. Caso contrário, as construções (41), (43) e (45), extraídas de Cardoso (2023, p. 88), seriam agramaticais, e seriam aceitas somente as construções (40), (42) e (44):

- (40) Um cachorro preto enorme (N cor dimensão)
- (41) Um cachorro enorme preto (N dimensão cor)
- (42) Uma mesa chinesa redonda (N nacionalidade formato)
- (43) Uma mesa redonda chinesa (N formato nacionalidade)
- (44) Uma praça grande bonita (N dimensão qualidade)
- (45) Uma praça bonita grande (N qualidade dimensão)

Outros teóricos poderiam ser abordados nesta subseção, porém o espaço limita a discussão a esses que, nesse momento, serão suficientes para as análises. A seguir, são apresentados alguns conceitos e estudos acerca do bilinguismo e da influência translinguística.

## 2.2 O BILÍNGUE E A INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA REVERSA

Para o desenvolvimento deste trabalho, é importante delimitarmos os conceitos de bilinguismo e influência translinguística. Para tanto, a seguir, apresentamos alguns autores que abordam essas questões.

Há diversas definições para o bilinguismo. Mozzillo (2001) defende que esse é um conceito muito amplo, envolvendo indivíduos de diferentes níveis, desde aprendizes iniciantes de uma segunda língua ou indivíduos que dominam apenas uma das competências (leitura, escrita, compreensão ou fala) até indivíduos que, mesmo dominando todas as competências, não se passam por nativos, bem como aqueles que são nativos de mais de uma língua.

Para Macnamara (1967 *apud* Megale, 2012), bilíngue é aquele que domina pelo menos uma das quatro habilidades linguísticas em uma língua estrangeira. Para Li Wei (2000 *apud*

Megale, 2012), bilíngue é aquele que possui duas línguas, independentemente do grau de proficiência ou uso. Maher (2007) ainda destaca que o bilíngue não apresenta comportamentos idênticos nas duas línguas, mas seu uso varia dependendo das circunstâncias e da necessidade.

Para Grosjean (2008), bilíngue é aquele que usa duas ou mais línguas com regularidade. Esse é o conceito adotado neste trabalho. De acordo com o autor, o bilíngue não precisa performar em todas as habilidades, pois utiliza suas línguas para diferentes finalidades.

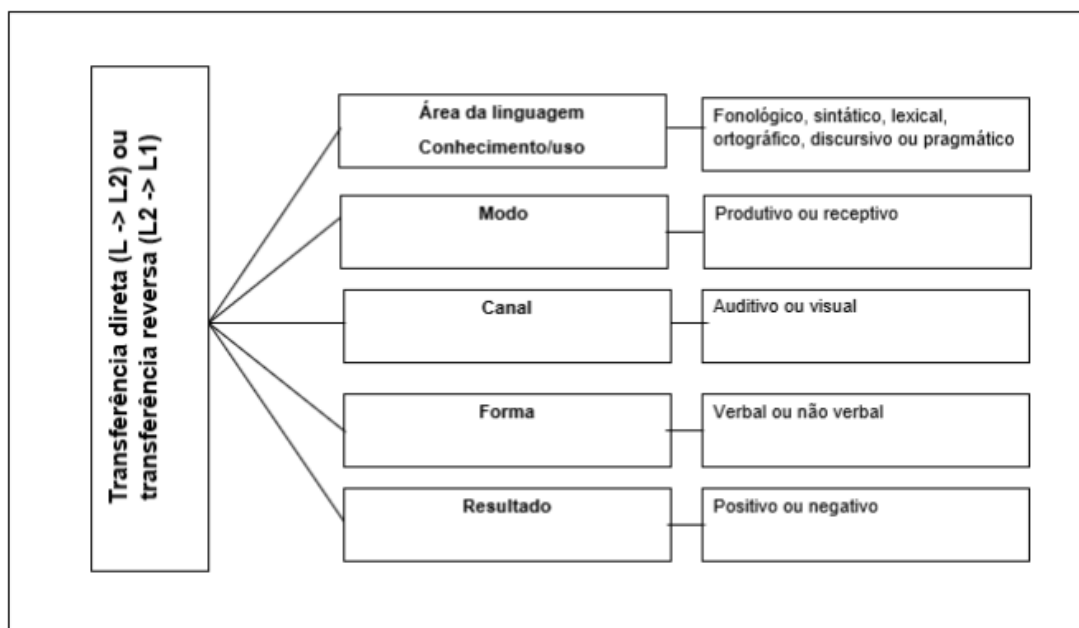
Cook (2003) destaca, entre outras características dos bilíngues, que há diferenças entre monolíngues e bilíngues quanto ao conhecimento sobre sua primeira língua. Sobre esse aspecto, introduzimos a questão de influência translinguística.

Para Cook (2003), há cinco modelos diferentes para explicar a relação entre as diferentes línguas na mente do bilíngue: no modelo de separação, as línguas ficam completamente separadas e, por isso, não há possibilidade de influência. No modelo de integração, elas ficam em um sistema único e, por isso, também não haveria influência, uma vez que as duas línguas estão em um mesmo sistema. No modelo de línguas conectadas, os dois sistemas linguísticos ficam separados na mente, mas há conexões ocorrendo em ambas as direções, configurando influência. No modelo de integração parcial, os sistemas linguísticos se sobrepõem parcialmente, desencadeando influência apenas em uma área específica da língua. No modelo contínuo de integração, todos os modelos anteriores são envolvidos e não há direção do movimento, podendo envolver apenas algumas áreas do sistema linguístico.

Para Grosjean (2008), os bilíngues estão em um *continuum* situacional entre dois modos: monolíngue e bilíngue. No modo monolíngue, se comunicam com monolíngues em uma de suas línguas; no modo bilíngue, se comunicam com outros bilíngues, utilizando uma ou mais de suas línguas. Nesse *continuum*, podem ocorrer influências entre as línguas do indivíduo.

A influência translinguística envolve diversos aspectos. Portanto, para uma melhor compreensão deste trabalho, delimitaremos quais aspectos serão analisados a partir da taxonomia de Jarvis e Pavlenko (2008 *apud* Luque Agulló, 2020):

**Figura 1:** Taxonomia da influência translinguística



**Fonte:** Jarvis e Pavlenko, 2008, p. 19 *apud* Luque Agulló, p. 61, tradução nossa.

A partir dessa taxonomia, é possível especificar qual tipo de influência foi analisada neste trabalho. A transferência<sup>7</sup> analisada foi a reversa, uma vez que foi observada a influência da língua estrangeira sobre a língua materna. A área da linguagem foi a sintática, considerando que o objeto de estudo foi a ordenação de adjetivos em sintagmas nominais. Além disso, o modo foi o produtivo e o canal visual, já que os participantes responderam aos instrumentos de pesquisa através da escrita. A forma foi verbal e o resultado, positivo ou negativo, neste trabalho não era um objetivo, já que não se buscou um julgamento nesse sentido.

Apesar de o número ainda ser restrito, alguns trabalhos têm sido dedicados à análise da influência translinguística reversa. Um dos trabalhos apresentados por Talebi (2013) buscava investigar a transferência reversa de estratégias de leitura de L2 para L1<sup>8</sup>, analisando se a consciência e o uso dessas estratégias tanto em L2 (inglês) quanto em L1 (persa) melhorariam

<sup>7</sup> Neste trabalho, escolhemos usar o termo "influência", já que "interferência" e "transferência" transmitem um sentido negativo para a relação entre as línguas, de acordo com Ferreira (2018). Neste trecho, porém, utilizamos a nomenclatura apresentada no quadro, seguindo o que os autores utilizaram, a fim de facilitar a relação do texto com a figura.

<sup>8</sup> Neste artigo, não faremos distinção entre LM/L1 e LE/L2. Neste e em outros trechos, reproduzimos as nomenclaturas utilizadas pelos autores.

através de instrução em L2. Para tanto, foram aplicados instrumentos a um grupo experimental (que recebia as instruções sobre as estratégias) e um grupo controle (que não as recebia). A pesquisa concluiu que a explicação sobre as estratégias de leitura em L2 melhorou a consciência, o uso das estratégias e a capacidade de leitura, tanto em L2 (inglês) quanto em L1 (persa). O autor ainda destaca que, “ao ler em um determinado idioma, os leitores têm acesso a outros idiomas que saem de sua mente. Portanto, uma melhoria em qualquer idioma pode, de alguma forma, resultar em melhorias em outros idiomas.” (Talebi, 2013, p. 435).<sup>9</sup>

Zaretsky (2014) buscou identificar a influência do letramento em L1 e L2 na preservação das habilidades morfossintáticas e lexicais de L1, bem como no uso proficiente da L2. Para tanto, crianças bilíngues e monolíngues deveriam recontar uma história usando sua L1. Os resultados mostraram que ambas usaram processos semelhantes para realizar a tarefa. Além disso, as narrativas das crianças bilíngues não se diferenciaram das monolíngues em extensão nem em número de erros, demonstrando um bom domínio da L1 pelas bilíngues. A autora ainda destaca que os resultados fornecem “suporte para os elementos centrais da hipótese de interdependência, que postula a dependência de L1 e L2 na proficiência linguística subjacente comum” (Zaretsky, 2014, p. 159).<sup>10</sup>

O trabalho de Altmisdort (2016) buscava observar se ocorria transferência de L2 (inglês) para L1 (turco) na leitura em L1 por alunos adultos de inglês cuja língua materna era o turco. Os resultados encontrados indicam que há transferência positiva da habilidade de leitura de L2 para L1, influenciando o desenvolvimento das habilidades de leitura em L1.

A pesquisa de Luque Agulló (2020) teve como objetivo analisar se havia transferência reversa não intencional de L2 (inglês) para L1 (espanhol) na produção oral de L1. Para tanto, dois grupos de estudantes universitários com diferentes níveis de proficiência em L2 tiveram que recontar um vídeo sem som usando sua L1. Os resultados demonstraram que a transferência reversa ocorre mais frequentemente quando há um nível mais baixo de competência em L2 ou seus efeitos para esses aprendizes têm um resultado negativo mais evidente. Um ponto do

---

<sup>9</sup> No original: “*reading in a given language, readers have access to other languages existing in their mind. Therefore, an improvement in any language can somehow result in improvements in other languages.*” (Talebi, 2013, p. 435).

<sup>10</sup> No original: “*support for the core elements of the interdependence hypothesis, which postulates L1 and L2 dependency on common underlying language proficiency.*” (Zaretsky, 2014, p. 159).

estudo que interessa muito a esta pesquisa diz respeito às questões sintáticas dos participantes: os bilíngues com maior nível de proficiência utilizaram um número menor de sentenças para narrar o vídeo se comparado ao grupo controle. Além disso, também usaram o sujeito elíptico com mais frequência que os do grupo com menor nível de proficiência, evidenciando menos transferência de L2 para L1, já que em espanhol (L1) é possível esse tipo de construção, mas em inglês (L2), não. Quanto à ordem de palavras, houve apenas um caso em que um participante do grupo com menor nível de proficiência utilizou a construção *larga cola* (adjetivo + substantivo) em vez de *cola larga* (substantivo + adjetivo), em que o segundo seria o mais comum em sua L1, demonstrando transferência da L2.

O estudo de Nicoladis (2006) também aborda a influência translinguística, nesse caso, na ordenação de adjetivos em inglês e francês (que também é uma língua românica e possui o mesmo comportamento que o português em relação aos adjetivos, aceitando-os em anteposição e posposição). O objetivo do estudo era testar se a estrutura de sobreposição/ambiguidade de sequências de nomes e adjetivos nas duas línguas em questão previa a transferência, tendo sido prevista a transferência unidirecional do inglês para o francês. A pesquisa analisou as respostas de crianças bilíngues (francês e inglês) em fase pré-escolar, monolíngues-inglês e monolíngues-francês, as quais deveriam nomear imagens usando nomes e adjetivos. A partir das análises, a autora observou sequências de adjetivos e nomes invertidas em francês, confirmando a hipótese de que a sobreposição/ambiguidade geraria transferência. Além disso, as crianças bilíngues fizeram a inversão de ordem da estrutura em inglês mais vezes que as monolíngues.

Com base no referencial teórico apresentado, passamos à apresentação da metodologia e, posteriormente, das análises e dos resultados.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa enquadra-se na tipologia de metodologia qualitativa<sup>11</sup> (Bortoni-Ricardo, 2008), pois não se pretende fazer generalizações estatísticas, mas sim compreender o fenômeno

---

<sup>11</sup> Os dados numéricos e percentuais servem apenas para facilitar a observação, mas não se pretende generalizar, uma vez que o número de dados é bem restrito.

da ordenação de adjetivos a partir de um caso específico, sem afirmar que os resultados se apliquem a todos os casos.

O estudo faz parte do projeto de pesquisa guarda-chuva coordenado pela Profa. Dra. Isabella Mozzillo “Contato linguístico: fenômenos, políticas e ideologias”, registrado sob o número 2281 na Universidade Federal de Pelotas — UFPel<sup>12</sup>. Além disso, destaca-se que foram observados todos os preceitos éticos na aplicação dos instrumentos de pesquisa, incluindo assinatura de termo de consentimento e possibilidade de deixarem de participar da pesquisa a qualquer momento.

Os participantes são estudantes de cursos de graduação em Letras de uma instituição pública de ensino superior do Rio Grande do Sul, nas habilitações Português (1º semestre) e Português e Inglês (3º - 7º semestre). A partir das suas respostas ao questionário e seguindo o conceito de Grosjean (2008), para quem é bilíngue aquele que usa duas ou mais línguas com regularidade, os participantes foram divididos nos seguintes grupos: 10 monolíngues (português); 44 bilíngues (português/inglês); e 4 bilíngues de outras LEs que não eram o inglês (as respostas desses não foram analisadas). Além disso, os bilíngues português/inglês foram subdivididos a partir de seu nível de proficiência autodeclarada em escrita: 11 — nível básico; 22 — nível intermediário; e 11 — nível avançado. Devido ao limite de extensão desta publicação, porém, os dados só serão apresentados relacionados a monolíngues e bilíngues, sem detalhar as respostas dos três níveis de bilinguismo.

Dos 58 participantes, 41 declararam-se do gênero feminino; 15 do gênero masculino; 1 neutro; e 1 travesti. Em relação ao curso, 30 cursam Letras - Português e Inglês; 26, Letras - Português; 1, Letras - Redação e Revisão de Textos; e 1, Letras - Tradução Inglês e Português.

54 participantes possuem apenas português como língua materna, e quatro declararam duas línguas maternas: inglês (2 participantes); pomerano (1 participante) e japonês (1 participante).

Os participantes responderam a dois instrumentos de pesquisa: um questionário e uma atividade de construção de SN com adjetivos. Ambos foram aplicados presencialmente, após contato e autorização do professor responsável pela turma. O questionário continha questões

---

<sup>12</sup> O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número 29953120.0.0000.5317.

abertas sobre sexo, idade, curso, semestre e língua materna, além de questões de múltipla escolha acerca de cada língua que conhecessem, incluindo: se a usam com regularidade, em quais circunstâncias a usam, como a adquiriram e qual o nível de leitura, escrita, compreensão e fala na língua em questão. Já a atividade de composição de SN com adjetivos consistia em diversos SN incompletos, os quais deveriam ser reescritos incluindo o(s) adjetivo(s) disposto(s) da maneira que julgassem mais natural, usando sua intuição linguística. Tais sintagmas foram selecionados a partir dos autores abordados no referencial teórico, sendo iguais aos apresentados nas obras consultadas ou adaptados com itens lexicais que pertencessem à mesma classificação definida pelos linguistas. Em todos os sintagmas, os participantes poderiam apresentar quantas respostas achassem possíveis e, no caso de questões com mais de um adjetivo, todos deveriam ser incluídos no sintagma.

Após coletados, os dados foram organizados no *Google Forms*, permitindo uma melhor organização e visualização das respostas. Com os dados sistematizados, deu-se início a análise das respostas, com base nos autores revisados, conforme é apresentado na próxima seção.

#### **4. ANÁLISES E RESULTADOS**

Como mencionado anteriormente, neste artigo, é apresentado um recorte da dissertação de Mestrado, portanto, serão analisados apenas alguns SNs, que envolvem os adjetivos considerados descritivos/absolutos/não avaliativos.

Nos SNs apresentados a seguir, foi identificado um número bem considerável de respostas, porém aqui estão contidas apenas as respostas que obedeceram às orientações estabelecidas no início do teste, por apresentarem os contextos que se pretendia analisar, ou seja, que utilizassem todos os adjetivos indicados, sem pontuação e sem construção de oração em vez de SN.

Reforçamos, ainda, que foi incluída a relação de porcentagem devido à grande diferença de número de participantes entre os grupos monolíngues e bilíngues. Essas porcentagens referem-se ao número total de participantes de cada grupo (monolíngues e bilíngues). Além disso, o número total de respostas pode ser maior que o número de participantes devido ao fato

de cada participante poder registrar mais de uma resposta para cada SN. A seguir, apresentamos três questões da atividade com suas respostas e análises.

## 1. A invasão da França

**Adjetivos:** italiana

**Tabela 1:** Sintagma 1 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
A invasão italiana da França	9 (90%)	40 (90,90%)
A invasão da França italiana	2 (20%)	4 (9,09%)
A italiana invasão da França	-	3 (6,81%)
<b>Total de respostas</b>	11	47

**Fonte:** Elaboração própria.

Neste sintagma, temos o adjetivo “italiana”, um adjetivo temático ou gentílico, ou seja, expressa nacionalidade/proveniência. Menuzzi (1992) classifica esse adjetivo como referencial e destaca que só aparece em posição pós-nominal. Ainda sobre a posição do adjetivo, Cinque (1994) afirma que, quando o AP temático expressa papel temático de argumento externo de N, a única ordem possível seria com o AP (italiana) entre N (invasão) e seu complemento (da França), ou seja, “A invasão italiana da França”.

Para Brito e Lopes (2016), ele é um adjetivo qualificativo, já que é um adjetivo de nacionalidade, uma propriedade concreta de N (invasão). Para Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), ele é classificado como absoluto e só pode ser disposto na posição pós-nominal em



línguas românicas, como o português, ou seja, não seria possível a construção “A italiana invasão da França”.

Na Tabela 1, é possível perceber que a resposta predominante nos dois grupos foi "A invasão italiana da França", com o adjetivo posposto, entre N e seu complemento, conforme defendem os autores mencionados. Nesse ponto, não houve diferença entre monolíngues e bilíngues, pois ambos tiveram um índice muito semelhante nessa resposta.

Na segunda resposta com maior porcentagem, "A invasão da França italiana", os participantes seguiram as regras estabelecidas no início do teste, porém o sentido foi alterado, já que nesse caso o adjetivo está ligado a "França", e não a "invasão", como prevíamos. Com essa ordenação, podemos entender que a região da França que é italiana foi invadida.

A terceira resposta segue exatamente a ordem dos elementos em inglês, "A italiana invasão da França". Conforme vimos, segundo os autores, essa ordem não é aceita em português. O que se destaca é que apenas bilíngues realizaram essa resposta, o que nos leva a refletir sobre a possibilidade de influência do inglês, já que há uma tendência ligeiramente maior entre os bilíngues em posicionar o adjetivo antes do nome. Outra hipótese que poderia justificar essa resposta seria o conhecimento literário do participante, pois, como menciona Boff (1991), a anteposição de adjetivos com propriedades inerentes do nome seria um recurso literário com a finalidade de realce estético. Nesse caso, "A italiana invasão da França" poderia ter um teor literário para o participante.

## 2. Uma mesa

**Adjetivos:** chinesa, redonda

**Tabela 2:** Sintagma 2 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma mesa chinesa redonda	6 (60%)	19 (43,18%)
Uma mesa redonda chinesa	4 (40%)	14 (31,81%)
Uma redonda mesa chinesa	3 (30%)	15 (34,09%)
Uma chinesa mesa redonda	-	1 (2,27%)
<b>Total de respostas</b>	13	49

**Fonte:** Elaboração própria.

Nesta questão, temos um N (mesa) acompanhado de um adjetivo temático, também chamado de proveniência ou nacionalidade, “chinesa”, e um adjetivo de forma, “redonda”. Ambos são adjetivos não avaliativos (Boff, 1991), absolutos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas de N. Além disso, segundo Menuzzi, o adjetivo “chinesa” é referencial.

De acordo com a ordem universal de Cinque (1994), o adjetivo de nacionalidade deve ficar mais próximo de N do que o adjetivo de forma, ou seja, a ordem seria “Uma mesa chinesa redonda”. Além disso, vale destacar que, de acordo com Menuzzi (1992) e Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), o adjetivo “chinesa” só aparece em posição pós-nominal, ou seja, não seria possível a construção “Uma chinesa mesa redonda”. O adjetivo “redonda” também só pode ser posposto ao nome, o que torna agramaticais construções como “Uma redonda mesa chinesa”.

A partir da Tabela 2, percebemos que a ordem preferida de ambos os grupos foi a mesma defendida pelos autores, ou seja, “Uma mesa chinesa redonda”. Destaca-se o fato de que a porcentagem de resposta dos monolíngues foi 16,82% maior que a dos bilíngues, evidenciando a preferência pela posição pós-nominal. Essa preferência também fica evidente na segunda resposta, “Uma mesa redonda chinesa”, que representou 8,19% a mais das respostas monolíngues em comparação aos bilíngues. Destacamos que essa ordenação vai em direção

oposta ao defendido por Cinque (1994), corroborando a crítica de Cardoso (2023), para quem há outras ordenações possíveis além da estabelecida pelo autor.

Por outro lado, as respostas com adjetivo pré-nominal tiveram maior índice no grupo bilíngue. O sintagma “Uma redonda mesa chinesa” teve 4,09% de respostas a mais no grupo bilíngue. Embora pequena, essa diferença demonstra que parece haver uma tendência ligeiramente maior entre os bilíngues em posicionar adjetivos em anteposição, apesar de a preferência geral ainda ser a posposição, como no caso dos monolíngues. De acordo com Boff (1991), o adjetivo “redonda” não poderia ocupar a posição pré-nominal, já que somente adjetivos avaliativos podem ser antepostos, e esse não é o caso do adjetivo em questão, ou seja, não é possível considerar uma mesa redonda (ou ela é, ou não é redonda).

A construção “Uma chinesa mesa redonda” foi apresentada apenas por bilíngues. Essa resposta vai em direção oposta ao defendido pelos autores, para quem o adjetivo “chinesa” só poderia ocupar a posição pós-nominal.

### 3. Uma porta

**Adjetivos:** retangular, marrom

**Tabela 3:** Sintagma 3 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma porta marrom retangular	6 (60%)	21 (47,72%)
Uma porta retangular marrom	4 (40%)	20 (45,45%)
Uma retangular porta marrom	2 (20%)	13 (29,54%)
<b>Total de respostas</b>	12	54

**Fonte:** Elaboração própria.

Neste sintagma, temos um N (porta) com um adjetivo de cor “marrom” e um adjetivo de forma “retangular”. Ambos são adjetivos não avaliativos (Boff, 1991), absolutos

(Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas de N, e, portanto, só poderiam ocupar a posição pós-nominal. De acordo com a ordem universal de Cinque (1994), a ordem aceita seria cor > forma, ou seja, “Uma porta marrom retangular”.

A partir da Tabela 3, percebemos que a resposta preferida de ambos os grupos foi “Uma porta marrom retangular”, seguindo a ordem proposta por Cinque e sendo a forma espelhada da ordem em inglês. Porém, a porcentagem no grupo monolíngue foi 12,28% maior em relação ao bilíngue.

A segunda resposta segue com os dois adjetivos pospostos, porém com ordem alterada entre eles. Nesse caso, a porcentagem de bilíngues foi 5,45% maior. Destaca-se o fato de que a porcentagem de monolíngues cai 20% da resposta com a ordem “marrom > retangular” para a “retangular > marrom”; por outro lado, a porcentagem dos bilíngues entre essas mesmas respostas cai apenas 2,27%.

A resposta “Uma retangular porta marrom”, com um dos adjetivos anteposto, teve maior índice no grupo bilíngue (29,54% — 13 respostas) em relação ao monolíngue (20% — 2 respostas), levando à observação de uma tendência dos bilíngues em disporem o adjetivo em posição pré-nominal quando comparados aos monolíngues. Para Boff (1991), essa construção seria agramatical em PB, já que o adjetivo “retangular” não pode ocupar a posição pré-nominal devido à sua classificação como não avaliativo (não podemos considerar a porta retangular).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em analisar a influência do inglês (LE) sobre a ordenação de adjetivos em português (LM). Neste recorte, mais especificamente, foi analisada a influência na ordenação de adjetivos descritivos, que expressam propriedades concretas do nome (como cor, forma, nacionalidade etc.).

Este trabalho pode contribuir para a análise do fenômeno linguístico, colaborando com o estudo da ordenação sintática do português e, mais especificamente, da ordenação de adjetivos. Além disso, também pode colaborar para a descrição da relação entre português e inglês.

Além de colaborar com a bibliografia das áreas de Sintaxe e Línguas em contato, este trabalho também pode contribuir para a atuação de profissionais de Letras. Tanto no ensino de línguas quanto no trabalho de revisão e tradução, compreender a influência da LE na produção escrita em LM pode colaborar para uma melhor percepção da escrita de alunos e clientes.

Os resultados desta pesquisa apontam para a possibilidade de influência do inglês sobre o português, já que a anteposição de adjetivos descritivos poderia causar agramaticalidade em português, mas ainda assim alguns bilíngues escolheram registrar tal construção. Essa possibilidade é reforçada considerando algumas diferenças entre as respostas de monolíngues e bilíngues na construção de SNs desses adjetivos: por exemplo, "A italiana invasão da França" foi registrada por 3 bilíngues em contraste com nenhum monolíngue; o SN "Uma redonda mesa chinesa" foi apresentado por 15 bilíngues, enquanto no grupo monolíngue houve apenas 3 respostas; o sintagma "Uma retangular porta marrom" foi registrado por 13 bilíngues em contraste com apenas 2 respostas no grupo monolíngue. Apesar de não ser possível afirmar categoricamente que exista tal influência, os dados aqui apresentados são um indício que sugere tal possibilidade e podem ser o pontapé inicial para uma pesquisa em maior escala.

**"Uma retangular porta marrom": evidence for the translingual influence of English (FL) on Portuguese (NL) in the ordering of descriptive adjectives**

**ABSTRACT:**

The adjectives may occupy different positions in the Noun Phrase in Portuguese, however the descriptive adjectives, at first, are accepted in post-nominal position. Considering that this kind of adjective seems to have post-nominal canonical position in Portuguese and pre-nominal in English, the objective of this article was to analyze the influence of English (FL - foreign language) on the ordering of adjectives in Portuguese (NL - native language). For this purpose, authors who approach the adjectives were taken into account, including Boff (1991), Menuzzi (1992), Cinque (1994), Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), Brito e Lopes (2016) and Cardoso (2023); authors who approach the bilingualism and translinguistic influence were also reviewed, including Mozzilo (2001), Cook (2003), Grosjean (2008), Altmisdort (2016), Megale (2012), Talebi (2013), Zaretsky (2014) and Luque Agulló (2020). This work fits into the qualitative method (Bortoni-Ricardo, 2008) and the participants were divided into two groups (monolingual and bilingual) based on their answers. They answered to a questionnaire about their own languages and they did a NP construction activity with different adjectives. The results demonstrate subtle differences between the answers of monolinguals and bilinguals, in some cases it allowed the perception of a possible influence of English on Portuguese from the preference of bilinguals for the pre-nominal position in constructions which would be ungrammatical in Portuguese, as in the preposition of descriptive adjectives.

**KEYWORDS:** Descriptive adjectives. Translinguistic influence. Noun Phrase. Bilingualism. Syntax. Languages in contact.

**REFERÊNCIAS:**

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. **Noun Phrase in the Generative Perspective** (Studies in Generative Grammar 71). Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

ALTMISDORT, Gonca. The Effects of L2 Reading Skills on L1 Reading Skills through Transfer. **English Language Teaching**, Canadian Center of Science and Education, v. 9, n. 9, p. 28-35, 2016. Disponível em: <https://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/61353>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BERGMANN, Bianca Schmitz. **A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em sintagma nominal no português brasileiro (LM)**. 2023. 193 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

BOFF, Alvana Maria. **A posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica**. 1991. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRITO, Ana Maria; LOPES, Ruth. The Structure of DPs. *In*: WETZELS, Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (EDS). **The handbook of Portuguese Linguistics**, p.254-274, 1. ed. John Wiley & Sons, Inc., 2016.

CARDOSO, Paula Fernanda Eick. **Os adjetivos nos sintagmas nominais do português brasileiro**. 2023. 98 f. Tese (Promoção funcional em Letras) - Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. *In*: CINQUE, Guglielmo; KOSTER, Jan; POLLOCK, Jean-Yves.; RIZZI, Luigi. **Paths Towards Universal Grammar**. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994, p. 85-110.

COOK, Vivian. Introduction: The changing L1 in the L2 user's mind. Tradução de Beatriz Shizue Chayamiti. *In*: COOK, Vivian (Ed.). **Effects of the Second Language on the First**. Multilingual Matters, Clevedon, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1985.

FERREIRA, Renan Castro. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs: a percepção de aprendizes de inglês-LE**. 2018. 135 p. Dissertação (Mestrado

em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GROSJEAN, François. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**, Ano X, nº 5, p. 163-176, dezembro 2008.

LUQUE AGULLÓ, Gloria. Unintentional Reverse Transfer from L2 (English) to L1 (Spanish) em Tertiary Levels. **International Journal of English Studies**, Universidad de Murcia, v. 20, n. 3, p. 57-76, 2020. Disponível em: <https://revistas.um.es/ijes/article/view/406901>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MAHER, Tereza Machado. O dizer do sujeito bilíngüe: aportes da sociolinguística. Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: INES & Editora Littera Maciel, 1997.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilíngüe, eu? Representações de sujeitos bilíngües falantes de português e inglês. **Revista X**, Curitiba, v. 2, p. 243-263, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/28181>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MENUZZI, Sergio. **Sobre a Modificação Adjetival do Português**: uma teoria da projeção dos adjetivos. 1992. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MOZZILLO, Isabella. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: VETROMILLE-CASTRO, Rafael; HAMMES, Walney Joelmir. **Transformando a sala de aula, transformando o mundo**: ensino e pesquisa em língua estrangeira. Pelotas: Educat, 2001. p. 289-325. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Transformando\\_a\\_Sala\\_de\\_Aula.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Transformando_a_Sala_de_Aula.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

NICOLADIS, Elena. Cross-linguistic transfer in adjective–noun strings by preschool bilingual children. **Bilingualism: Language and Cognition**. 2006, v. 9, n. 1, p. 15-32.

PERINI, Mario. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

TALEBI, Seyed Hassan. Cross-linguistic Transfer (from L1 to L2, L2 to L1, and L2 to L3) of Reading Strategies in a Multicompetent Mind. **Journal of Language Teaching and Research**, Finlândia, v. 4, n. 2, p. 424-436, mar. 2013.

ZARETSKY, Elena. The role of L1 and L2 reading on L1 preservation and positive cross-linguistic transfer among sequential bilinguals. **Written Language & Literacy**, v. 17, n. 1, p. 139-164, 2014.